S. PAULO, 15 DE DEZEMBRO DE 1947

ANO 31 — NUM. 11 (Nova fase)

A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr$ 0,50 — Assinatura: Cr$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

O poder é um charco pestilento que corrompe todo aquele que dele se acerca.

Pi y Margall

A PAVOROSA SITUAÇÃO MUNDIAL

Eis o panorama da situação mundial que nos oferece a sociedade capitalista na hora que passa: carestia da vida por toda a parte, por toda parte desassocego e miseria; a desorganização e o suborno como normas da administração publica. E mais: greves e agitações, conflitos sangrentos com perseguições e elementos politicos procurando explorar o justo descontentamento e o espirito de rebeldia do proletariado em proveito das suas conveniencias facciosas. Na China, a guerra interminavel a provocar as devastações, a miseria e a peste. Na India e na Palestina o mesmo espetaculo pavoroso de destruições e morticinios, em consequencia de fermentações nacionalistas-religiosas alimentadas pelos interesses do capitalismo. Na Espanha de Franco e seus falangistas sanguinarios continua a imperar o fascismo tão odioso quanto o de Mussolini e Hitler: prende-se, espanca-se, martiriza-se e assassinam-se os homens que não se conformam com essa tirania. Por isso, não ha mais lugares nas prisões e nos campos de concentração. Em Portugal domina a opressão que arrastou o povo a uma situação de miseria insustentavel. Na Bulgaria, os elementos libertarios e liberais sofrem toda sorte de perseguições movidas pelos governantes bolchevistas. Em toda a parte vigora a reação, restringindo as liberdades individuais e publicas, apresentando-se a perspectiva do ressurgimento do fascismo, que não se conformou com a derrota e manifesta-se publicamente de dia para dia com maior atrevimento. E' diversa a situação do Brasil? Absolutamente. A administração publica movimenta-se de acordo com as conveniencias politicas e pessoais de quem tudo pode e manda; no campo politico é a indecencia dos conciliabulos, dos conchavos os mais vergonhosos visando apenas a conquista de cargos governamentais e de representação legislativa, ao mesmo tempo que os elementos da reação suprimem certas regalias proclamadas como base desta tão decantada democracia, que está imitando o Estado Novo, em seus desvarios reacionarios, impedindo a realização de conferencias em locais privados e comicios em praça publica, proibindo a publicação de jornais e prendendo jornalistas, sendo alguns vitimas de brutalidades, verificando-se, ainda, a prisão de populares e elementos eleitos para cargos publicos; na vida economica age-se apenas visando lucros rápidos e fabulosos por meio de negociatas, de açambarcamentos, do cambio negro, determinantes da carestia sempre crescente das utilidades. Consequencia: desassocego geral, principalmente do povo sacrificado, regime de penuria e de meia ração, enfim, a miseria dominando os lares — quase sempre sem comodidades nem higiene — justamente daqueles que trabalham e produzem as riquezas sociais.

Enquanto isso, os profissionais da politica que se apossaram dos cargos da administração publica e dos orgãos legislativos á custa da ajuda do povo confiante em suas enganadoras promessas, gastam o tempo nas intrigas da politicagem e em quarelas pessoais, consumindo para isso uma fortuna colossal arrancada ás miserias da classe produtora.

E que faz o povo maltratado e explorado de todas as formas? Confiando, ainda, em diretores, em chefes e lideres, em palavras de ordens ditadas por homens providenciais transformados em messias, continua a esperar que sua situação cada vez mais tormentosa melhore com medidas promovidas por esses mesmos elementos que outra coisa não fazem senão tratar de seus interesses partidarios e pessoais.

Entretanto, a solução dos problemas que interessam a vida do povo depende do proprio povo, que deverá cuidar de seus interesses diretamente, servindo-se de suas organizações profissionais e populares, libertadas do burocratismo funcional e da trituradoura dominação ministerial.

Sendo a força numerica, o povo poderá e deverá transformar-se em força operante e decisiva pela sua ação direta.

Roteiro para a libertação

O anarquismo visa, principalmente, a emancipação do homem, de todos os seres humanos, da exploração e do dominio de uns sobre os outros, seja qual fôr a sua forma.

Os anarquistas aspiram, por conseguinte, à supressão de todos os privilégios, do privilégio da riqueza como do privilégio do poder; do privilégio do bem-estar como dos privilégios do saber.

A riqueza é fruto do trabalho humano: do trabalho das gerações passadas e do trabalho das gerações presentes. Mais exatamente: a riqueza social é o fruto do esforço combinado de todas as gerações passadas e de todos os trabalhadores da geração presente, de modo que torna-se materialmente impossivel estabelecer com precisão, mesmo aproximadamente, o valor da contribuição de cada um. Isto quer dizer que os trabalhadores das passadas gerações — infinitas gerações de escravos, de servos e oprimidos, trabalham não só para enriquecer os patrões que os exploraram e sustentar a miséria de suas vidas, mas ainda para nós, da mesma forma que nós trabalhamos hoje para as gerações vindouras. Todos temos direitos iguais ao fruto dêsse trabalho acumulado, o que nos permite multiplicar a produtividade do nosso trabalho de hoje.

Esse patrimonio acumulado pelas gerações passadas é constituido pelo solo tornado fertil, pelos meios de produção e troca, pelos conhecimentos adquiridos através de experiências que formam hoje monopólios odiosos de uma pequena minoria de privilegiados protegidos pelo Estado e tolerados pela resignação da maioria composta pela grande massa dos oprimidos e explorados. Para sustentar êsse estado de coisas os privilegiados lançam mão de uma engrenagem a que chamam govêrno, que dispõe de todos os meios de persuasão e força capazes de obrigar os trabalhadores a submeter-se ao jugo de sua vontade.

A meta certa para a qual se devem dirigir todos os nossos atos e os nossos pensamentos é, por conseguinte, o resgate do patrimônio social acumulado pelo trabalho das gerações passadas combinado com os esforços da geração presente, para colocar êsse patrimônio a serviço e em beneficio de todos os seres humanos. Impõe-se, portanto, a abolição de todos os privilégios e monopólios economicos da minoria parasitária, de forma que a terra, os meios de produção, o ar, a luz, a agua, pois até isso constitui monopólio, sejam postos livremente á disposição de todos, assegurando, assim, não só a propria existência em condições dignas de se viver, mas ainda a existência das gerações futuras.

A expropriação da terra, dos meios de produção e do saber não constitui uma necessidade arbitrariamente inventada pelos teóricos e militantes do anarquismo. E', antes, uma aspiração humana; é, sobretudo, a propria condição dos principios de liberdade e de justiça na conciliação dos interesses materiais da vida, caracterizada pelos movimentos rebeldes de todos os tempos, movimentos deturpados e aproveitados pelos privilegiados para dividir e hostilizar os povos, tornando-os inimigos e provocando as guerras.

Hoje mesmo, em face do abirmo de misérias e de sangue em que a humanidade foi lançada pela cobiça das rivalidades dos detentores do poder, em sua disputa de privilégios e ambição de mando, cada vez mais se evidencia que a existência da humanidade está condicionada á abolição dêsses monopólios, odiosos e iníquos, que a condenam ao suicidio coletivo pela destruição atômica e pela guerra bioquímica.

Guardião feroz, insaciável, violento, implacável de todos os privilégios e monopólios que impedem os trabalhadores de terem livre ascesso aos meios de produção e ao gozo dos beneficios da riqueza social, é o Estado aparelhado de todos os meios materiais, morais e cientificos que deveriam pertencer á sociedade.

O Estado pretende ser a própria sociedade, e, em nome desta, oprime, massacra, bestializa e aniquila os seus componentes. Mas, quer a sua ação se desenvolva em nome de Deus ou dos homens; quer se diga liberal, democratico ou socialista; absoluto ou constitucional; monarquico ou republicano, a função do Estado é sempre a mesma: perpetuar a escravização das multidões que trabalham e produzem em proveito das minorias privilegiadas, as quais podem formar uma classe autônoma, constituida pelo capitalismo, como no Brasil, nos Estados Unidos, etc., ou formar o conjunto integrante da burocracia estatal, como na União Soviética e nas autocracias orientais. Em todos os casos, seja qual fôr a sua estrutura, o Estado se considera depositário dos destinos da coletividade, confundindo e identificando os interesses e a fortuna da sociedade com os seus próprios interesses e fortuna.

Enquanto existir o Estado, enquanto os oprimidos cultivarem ilusões com relação ao Estado, resignando-se ao seu jugo e obdecendo as ordens dos potentados, os meios de produção e de consumo, a terra, o ar, a luz, os conhecimentos e, por conseguinte, a riqueza e o bem-estar, continuarão sendo monopólio da minoria privilegiada que, direta ou indiretamente, os controla; e a maioria dos produtores continuará sendo explorada, oprimida, vilependiada: carne para canhões, campos de experiências politicas nas prisões e campos de concentração.

Abolir o Estado, abolir o proprio princípio de autoridade do homem sôbre o homem é, por conseguinte, condição essencial para a abolição dos monopólios e privilégios particulares da riqueza dos quais o Estado é sustentáculo através de seus prisidios e de seus soldados. Nunca, como agora, neste momento de profunda crise das instituições sociais e da propria consciência humana, se torna tão evidente que o Estado, em todas as suas formas e manifestações, constitui o obstáculo irreparável á existência da paz entre os homens e dos povos, que desejam retornar às suas atividades na vida civil, que desejam e precisam trabalhar para o engrandecimento da espécie.

É essa, em traços fundamentais, a aspiração e a meta do anarquismo, que, há mais de um século, proclama a necessidade de uma transformação profunda que abale e atinja os alicerces da estrutura em que se assenta a tirania.

Em torno desta aspiração se desenvolve a ação e atividade dos anarquistas, visando a meta de seus apostulados sociais: Dizer e fazer tudo o que seja suscetível de propiciar a abolição de todos os privilégios particulares, que consistem na exploração e desfrutamento economico e no dominio politico; nada fazer e nada dizer que a tais privilégios possa dar trégua ou consentimento.

No exame dos problemas particulares, na proposição de soluções concretas da nossa atividade quotidiana, não esquecemos jamais a nossa meta, que é a emancipação integral dos seres humanos, do patrão que os explora, do govêrno que os oprime, do padre que os engana e embrutece. Precavemo-nos sempre de dizer ou fazer coisas que ao patrão, ao govêrno e ao padre possa dar conforto, alento e vida, tendo em conta que nessa trilogia sinistra se apoia a estrutura social do regime que escraviza e mantem os povos na miséria, que estimula ódios e aniquila o principio de liberdade e justiça.

Esse é o roteiro que os anarquistas escolheram para a sua luta pela transformação libertária da sociedade.

O ETERNO PEDINTE

A publicação de "A Plebe"

Ainda perduram os motivos que perturbaram o aparecimento regular de "A PLEBE". Por isso, fomos forçados a suprimir o numero correspondente ao dia 1.º do corrente.

Esperamos vencer os obstaculos que determinam essa anomalia e voltar tão breve seja possivel a publicar o nosso jornal com a devida regularidade.

Isso não deve, entretanto, diminuir o interesse dos companheiros pelo nosso orgão. Antes pelo contrario, deve servir de estimulo para que todos redobrem de esforços no trabalho de arrecadação de recursos, tratando ao mesmo tempo de aumentar a sua difusão por toda parte.

A DITADURA EM PORTUGAL

Enquanto o povo cambaleia de fome e é constantemente vexado e vitima de perseguições, quando revela impetos de rebeldia, a malta salazarista ilumina a cidade em torrentes de luz de feira, organiza cortejos, refastela-se em banquetes de um fausto insultante á miseria e á opressão em que as massas trabalhadoras vegetam.

Não satisfeita a sucia opressora ainda se abalança a mais: gasta milhares de contos na famosa peregrinação a Roma, parada em forma e de grande uniforme da internacional negra do jesuitismo e do capital, unidos para o mesmo fim: cimentar mais fundo a sua odiosa hegemonia politico-social. E' um autentico espavejar de tiranias encapotadas com palavras doces, bem soantes, de uma hipocrisia tão grande que os mais pequenos fatos da vida portuguesa se põem á luz nua e crua da critica dos mais comédidos.

Só a parte mais amorfa do povo, aquele setor intermedio entre os patrões e os que aspiram a sê-lo se diverte e gosa e se retonsa na caldeirada gigantesca...

Só essa se sente bem, se sente á vontade. A outra parte da população, felizmente a mais numerosa e esclarecida, retrai-se perante as exibições do arraial que velhacamente assolapam mais um salto contra os derradeiros vestigios das suas liberdades.

E é para essa parte do país que se voltam as ameaças, se preparam novas cadeias de élos mais estreitos, mais pesados. E é tambem para ela que vai a nossa simpatia, porque é nela que repousam as melhores esperanças na luta que se virá a travar pelo derrubamento da opressão nazi-fascista.

E sem que isso venha a representar milagre de ribalta barata, a libertação do povo português ha-de ser de forma a atestar a eterna vitalidade das massas em movimento pela conquista da sua emancipação.

(De "A Batalha", de julho de 1947).

Semeando Ideias...

A autoridade nasce da força ou da sugestão irracional; muitas vezes tem origem em ambas as concepções juntas. Circunstancialmente pode originar-se no prestigio pessoal dos individuos dotados de qualidades excepcionais; este fenomeno é, porém, transitorio. Á medida que a sugestão irracional perde terreno, o poder procura a legitimação do principio de autoridade no campo da razão e se vê obrigado a fazer concessões, sobretudo se a necessidade de evitar conflitos violentos aconselha um equilibrio entre as diversas forças dominantes. A autoridade se atenua ou se se acentúa nos diversos periodos da historia; mas o seu problema continua sendo um problema de força: força para fazer-se obedecer, de um lado, força de resistir ao poder e de limita-lo, de outro. E ninguem pode deixar de reconhecer que toda a vitoria desta resistencia constitue uma vitoria da civilização.

Luce Fabbri

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

O Marxismo em face do Anarquismo

G. ERNESTAN

Não é raro encontrar-se, entre os observadores do problema social, quem não compreenda porque o movimento socialista — tomada esta designação em sua verdadeira significação — não reuna num unico e poderoso bloco todos os elementos que no mundo lutam contra a sociedade capitalista — causadora da desordem que atualmente infelicita a humanidade — para substitui-la por um regime que seja organizado de maneira que a todos e a cada um dos membros da coletividade humana possa ser proporcionada uma situação de bem-estar e liberdade.

Parece, a quem assim ajuiza, que os embates entre marxistas e anarquistas — às vezes, calorosos e violentos — não passam de querelas pessoais ou de questões de familia, que poderiam ser favoravelmente resolvidas, para o bem do movimento proletario e da transformação da atual organização social num sentido libertario.

Não é de hoje que se verifica essa confusão — e isso porque nem sempre se aprofunda o exame dessa divergencia, considerando-se como sua causa simples questões transitorias e não antagonismos de principios e de metodos de ação — como realmente é.

De fato, a verdade é bem diversa, e, buscando-se os fundamentos historicos dessa controversia, será constatado que ela vem de longe. Desde a cisão verificada, em 1868, entre os componentes da Associação Internacional dos Trabalhadores (a chamada Primeira Internacional) e da qual resultou a separação dos socialistas libertarios (anarquistas) e dos socialistas autoritarios (marxistas), desde então, anarquistas e marxistas — colocados em campos opostos na luta social — estão em permanente oposição.

A principio, podia parecer que marxistas e anarquistas — então concordes na necessidade da supressão do Estado — apenas diferiam quanto ao momento de se operar essa supressão. Entretanto, essa divergencia circunstancial era a expressão de um contraste fundamental entre duas concepções filosoficas e sociais. Essa oposição irremediavel vem-se acentuando porque, de dia para dia, torna-se mais evidente que o marxismo é uma desviação reacionaria do socialismo, tornando-se uma superstição dogmatica causadora da degeneração e do atrofiamento do movimento de emancipação proletaria e humana.

O anarquismo e o marxismo divergem fundamentalmente, irremediavelmente, de maneira absoluta no criterio de considerar o homem. Em consequencia disso, a partir das primeiras polemicas do tempo da Associação Internacional dos Trabalhadores até os embates de hoje, esse contraste profundo coloca em campos contrarios os militantes sociais que, doutrinariamente, não falam a mesma linguagem.

Para os marxistas, os elementos sociais atuantes encontram-se fóra do homem — que não passa, para eles, de um automata à mercê de forças abstratas e misticas a que denominam de economia, de dialetica, de determinismo historico, etc., elementos esses que o marxismo afirma ter revelado.

Para os anarquistas, ao contrario, qualquer que possa ser o seu ponto-de-vista sobre o desenvolvimento historico, o homem existe e age no universo como o unico elemento pensante — agente e criador, — o ponto de partida e o ponto de chegada de tudo quanto se relaciona com a vida social.

E' preciso compreender que estas duas atitudes perante o mundo e o homem derivam de duas mentalidades de certo modo organicas e, consequentemente, opostas.

Chega-se, por isso, à conclusão de que, sob a sua fraseologia cientifica, o seu materialismo absoluto, o seu anti-filosofismo nihilista, Carlos Marx não passou de um crente em busca de um credo. E se ele tanto se apegava à ciencia era porque esperava nela ou por meio dela encontrar um novo principio absoluto. Marx e os seus dialeticos, desdenhando, embora, as religiões e os deuses, na realidade não podem conceber a humanidade e o homem entregues a si mesmos, livres de leis rigidas e eternas para guiá-los infalivelmente. Em outras palavras: Marx e os marxistas substituiram Deus pelo fatalismo historico. E foi por isso que Marx não se cansou em seu afan de apresentar uma explicação completa e definitiva do mecanismo social. Não importa que esse sistema não passe de um conjunto bizarro e pueril de abstrações metafisicas, de um economismo vulgar e de um ceticismo simplista, desde que ele sirva de elemento de fé para aqueles que nele acreditam.

Eis porque àqueles que à nossa critica ao marxismo opõem a afirmação de que o seu prestigio prova ser ele o melhor sistema, respondemos que quando o fanatismo assim se apresenta como elemento de orientação, deixa de haver lugar para a logica, e que a humanidade já teve ocasião de constatar coisas muito mais absurdas conseguirem ainda maior prestigio do que é atribuido ao marxismo.

Isto explica porque é que aquilo que origina a fraqueza intrinseca do marxismo, lhe proporciona, ao mesmo tempo, certas vantagens. E' precisamente porque este sistema despreza de vez a dolorosa complexidade da tragedia social da humanidade — a que não se pode fugir — que o marxismo apega-se ao amorfismo e à obediencia, que proporcionam a possibilidade de obtenção de vantagens no terreno da politica.

•

Apreciando-se, assim, o aspecto essencial do marxismo, compreende-se toda a significação dos protestos e da ação de Miguel Bakunin. Enquanto o professor Carlos Marx preparava pesadamente o seu novo evangelho, Bakunin, o rebelde errante, contribuia esforçadamente com seus escritos para destruir em seus mais profundos alicerces a idéia de Deus, chegando, com uma lucidez genial, a identificar Deus com o Estado — esse Estado que Marx e seus adeptos viriam a tornar instrumento de seu sistema social. Deve-se salientar que Miguel Bakunin — considerado como o primeiro grande adversario de Carlos Marx — nascido em pleno feudalismo, denunciou, ha cerca de um século, as caracteristicas misticas do Estado que havia de desenvolver-se monstruosamente através dos anos até chegar ao estrangulador Estado totalitario do século XX.

Conclui-se, pois, que o marxismo não podia, naturalmente, deixar de chegar até o fim de seu destino. Um sistema tão absoluto e autoritario em sua essencia tinha forçosamente de acabar, como aconteceu na Russia, numa ditadura onipotente.

E' por essa mesma ordem de idéias que se é levado a fazer justiça ao malsinado M. Stirner. Esse filosofo arguto e combativo — mais filosofo que sociologo — conhecendo e tendo frequentado o ambiente intelectual do qual devia sair o marxismo, compreendeu perfeitamente o que havia de vasio nesses inovadores que andavam a cata de idéias novas "como um cão que fareja as pessoas em busca de seu dono".

Através das exagerações e dos paradoxos do "Unico e sua propriedade" irrompe o protesto e a rebelião do individuo, da personalidade humana contra essas idelogias pretensamente novas, mas geradoras de novos principios absolutos e de novas escravidões. E são brados de alerta que ainda hoje devem ser examinados.

Dada a natureza dêste trabalho, poderia parecer fora de propósito á citação de individualidades de atitudes tão diversas, mas isso se tornou necessário para salientar que, já no tempo de Carlos Marx, o pensamento anarquista, acima de contingências politicas e, como que instintivamente, se opunha á mentalidade marxista. E' que, independentemente dêsse embate de principios entre pessoas, o antagonismo entre o anarquismo e o marxismo tem bases bem mais profundas.

Ainda que haja fanáticos que, em sua desorientação, cheguem a considerar o nascimento de Carlos Marx como o advento de uma nova era histórica, a verdade é que o socialismo já constituia uma doutrina bem definida antes que o pai do neo-hegelanismo surgisse no cenário do movimento social. Dispensando-nos de longas definições, dizemos apenas que o socialismo é o resultado de um longo processo de evolução que conduz o homem de sua animalidade primitiva ás mais perfeitas expressões da civilização. Com pontos-de-vistas diversos, segundo as suas tendências, todos os socialistas conheciam a sua doutrina e sabiam definir o seu ideal.

Carlos Marx e seus amigos pretenderam tudo modificar. Abrutamente, em nome da sua ciência, preferiram alijar do socialismo todo idealismo, toda filosofia e toda moral, como se fossem simples quimeras. Entretanto, na realidade, o chamado socialismo "cientifico" do marxismo outra coisa não é senão uma chocante manifestação de amoralismo burguês, da mesma forma que o "determinismo politico" baseia-se nas normas mercantis do capitalismo, segundo as quais tudo se reduz a questões de transações comerciais, no regime de compra e venda, com preços e lucros.

Assim, desde que, segundo o marxismo, o socialismo devia fatalmente resultar da evolução catastrófica do capitalismo, consequentemente todos os meios se tornam aceitaveis — segundo os marxistas — para apressar o advento do Estado onipotente, chamado proletário. Tanto pior para aqueles que se colocaram no caminho dêsse desastroso destino.

Eis porque quando Carlos Marx combatia Miguel Bakunin agia perfeitamente de acôrdo com os fundamentos de sua doutrina e de sua fé. E' pelo mesmo motivo que, presentemente, onde os marxistas conseguem situação de mando, os anarquistas sofrem a sua perseguição sistemática, com prisões, campos de concentração e execuções, como aconteceu na Russia e está acontecendo na Polonia, na Bulgaria e nos demais países balcanicos que se encontra sob o dominio russo.

Como fecho destas apreciações a propósito do antagonismo entre o anarquismo e o marxismo, muito breves, em relação á complexidade do assunto, limitamo-nos a consignar estas sintéticas conclusões:

O anarquismo é o herdeiro e o intransigente defensor do verdadeiro socialismo. Só o anarquismo vem defendendo, desde os seus primórdios, trazendo-o íntegro até os nossos dias, o que o socialismo tem de essencial: o sentido da liberdade.

O marxismo, embora tenha concorrido com algumas contribuições apreciáveis para o estudo do problema social, tornou-se, em sua contestura e em sua ação, um desvirtuamento e uma corrupção do socialismo. A' medida que consegue vencer politicamente, vai esvasiando o socialismo de seu conteudo idealístico e de sua fôrça de renovação social.

Tudo leva a crer não estar longe o momento em que estas verdades se tornarão geralmente conhecidas, e, então, o movimento socialista se libertará inteiramente das pelas atrofiadoras do marxismo da mesma forma que um organismo sadio consegue libertar-se de um corpo estranho.

Terá, então, chegada a ocasião propicia para o anarquismo poder, com mais amplas possibilidades, amparado por seu prestigio histórico, impulsionar o socialismo no sentido da derradeira etapa de sua finalidade — que é substituir o atual regime de misérias e tiranias pela sociedade livre de amanhã, em que o bem-estar material, individual e coletivo, terá como corolário irrecusável a liberdade.

O ANARQUISMO NA INDIA

A inteligente atividade de R. Bhavan e outros companheiros de Bombaim tem dado ultimamente otimos frutos do movimento anarquista da India.

Em caprichadas edições nacionais de texto bilingue (indostão e inglês) foram postas ao alcance dos leitores indús cinco expressões do pensamento anarquista. São "Deus e o Estado", de Miguel Bakunin, "Lugar do anarquismo na evolução socialista", de Pedro Kropotkin; "Socialismo e Estado", de Rudolf Rocker; "Banco Mutual" (1849), de W. B. Greene, discipulo norte-americano de Proudhon, e "Que é o mutualismo?", de C. L. Swarz, todos com extensos prologos, notas explicativas para o leitor indú, biografias dos autores, etc.

Obra dos esforços dos anarquistas de Bombaim são, tambem, o **Instituto Hindú de Sociologia** e uma revista, "Indian Sociologist", que os companheiros da Grã-Bretanha elogiam calorosamente.

MEU CADERNO DE CRIANÇA

Um menino infeliz

II

Quando os alunos de nosso Grupo receberam os diplomas, muitos foram matricular-se nos ginasios, para o curso secundario.

Gastão matriculou-se no mesmo colegio em que ingressou Guiomar. Esmeralda, por ser filha de familia pobre, não tendo recursos, não pôde continuar os estudos. Aprendeu a costurar.

No ginasio, Gastão tambem se distinguiu pelo seu comportamento, tornando-se estudioso e frequente ás aulas. Começou a colaborar no jornalzinho do gremio ginasial e os seus artigos eram apreciados.

Gastão vivia feliz no seio de sua familia. Nas férias do fim de ano êle foi passar uns dias em Santos. Quando voltou, começou a preparar-se para os exames do segundo ano.

Seu pai era viajante; ia de uma a outra cidade vender os artigos da casa que representava. Certo dia, num choque de trens ficou gravemente ferido e veio a falecer mais tarde no hospital, deixando Gastão orfão de pai. Sua progetinora, deixando-o entregue aos cuidados de uma familia vizinha, foi para o interior cobrar os devedores de seu marido, levando em sua companhia os outros irmãos de Gastão. Mas a fatalidade perseguia esta familia; os irmãos e a mãi de Gastão foram vitimas, tambem, de um choque de trens, perecendo. Gastão sofreu um forte abalo e quase morreu de dôr. Foi internado num hospital onde esteve durante 2 meses. Quando de lá saiu não quis continuar os estudos. Arranjou um emprego numa tipografia e, com o pouco que percebia de ordenado mensal, ia vivendo.

Os colegas o visitaram e levavam-lhe roupas, procurando consolá-lo. Certo dia ficou desempregado e então começou a perder a coragem. Abandonou-se ao desespero e ficou perambulando pelas ruas á gandaia, até que um fato acidental o levou para o Instituto Disciplinar.

Contarei, no proximo numero o que se passa com Gastão no Reformatorio Modelo.

Tribuna de debates

Conversando sobre idéias e definindo atitudes

Politica e Politicos

"Rio, 10 de agôsto de 1947.

Companheiros de A PLEBE:

Achei oportunissima a criação da interessante secção "Coisas Nossas", na qual pretendem os companheiros definir atitudes, esclarecer pontos de vista em tôrno de nossos principios.

Aproveitando a oportunidade, queria fazer um ligeiro reparo ao editorial publicado no n.º 2 de "A PLEBE".

No referido editorial, comentando o retorno da reação fascista no Brasil, aparece a seguinte frase: "A nossa ação nada tem de comum com as atividades de partidos, **pois somos apoliticos"** — grifo intencionalmente a segunda proposição.

Acredito, sinceramente, que houve um pequeno equivoco dos camaradas. Nós, anarquistas, não somos apoliticos, o que supõe um atitude indiferente, uma atitude suicida com relação a essa figura que é a politica.

Não adotamos a posição cômoda e filosófica de "laisser faire, laisser passer".

Não, companheiros!

Nossa atitude é claramente positiva, intransigente, inconfundivel.

Estamos na primeira fila, em luta aberta, em guerra sem tréguas contra as prestidigitações politicas destinadas a desviar o operariado da verdadeira luta social, que é, sempre foi e será a de ação direta revolucionária contra o Estado e suas escoras podres.

Somos contra os sofistas, intrigantes e narcotizadores dos nobres sentimentos do trabalhador manual ou intelectual.

Nossa posição é de clareza meridiana aos "figurões", que, dizendo-se "amigos do povo", seus "legitimos representantes" e outros engodos sugestivos, não vão aos parlamentos senão para defenderem suas polpudas remunerações, subtraidas á minguada bolsa do povo.

Nossa atitude frente aos partidos politicos, sejam êles negros, brancos, amarelos ou incolores, partidos estes que nas vésperas das eleições, mendigando votos, prometem resolver todos os problemas sociais, mentindo desta forma, descaradamente, pois a causa dêsses males está nas próprias instituições que êles pretendem consolidar com o voto implorado. Nossa atitude, repito, não é a de braços cruzados, de "cadê tempo compadre?", de sorrisos enigmáticos.

Nossa posição só pode ser de luta contra os vendilhões dos problemas sociais, proclamando por tôdas as partes as velhacarias forjadas nos parlamentos, nas panelinhas politicas contra o povo, o eterno pagador de todos os funestos êrros dêsses senhores e partidos, que, arvorando-se em eternos defensores dos "interêsses populares" e dos "programas minimos de reivindicações", arrastam o proletário, sempre otimista e generoso, para o precipicio da politicagem, quando a solução de seus problemas econômicos e morais se encontram, justamente, no lado oposto ao dos candidatos á poltronas nos senados.

Contra os partidos e camarilhas politicas, a atitude anarquista em todos os sentidos, é sómente uma: a anti-politica.

Assim penso. Porém, como sou humano, estou, naturalmente, sujeito a errar. E' bem possivel que não tenha meditado sôbre a questão, e me tenha deixado levar pelo entusiasmo, pelo que, peço aos companheiros de A PLEBE que emitam suas opinião sincera.

"Spartacvs"

(Da Juventude Libertaria do Rio de Janeiro)".

RESPOSTA: — E' possivel que não nos tenhamos expressado com bastante clareza, quando fizemos uso do termo APOLITICOS no artigo a que o camarada Spartacus se refere.

Entretanto, nós empregamos o termo apoliticos como sendo a expressão NÃO POLITICOS, isto é, que não nos envolvemos nos cambalachos comuns á politica partidaria.

E' claro que, em relação á politica, somos antipoliticos, porque, como anarquistas, estamos na luta franca e decidida contra todas as politicas, não apenas indiferentes, embalados pelo DOLCE FAR NIENTE de um comodismo que não se coaduna com as necessidades da propaganda libertaria, mas essa luta aberta e na primeira linha de combate.

Moral Social e Sindicalismo

Os principais alicerces para garantir ao homem uma vida honrada, são o caráter e a moral. Essa construção básica para uma vida digna, é mais que uma obrigação, é um dever que precisa ser cumprido. Mas, para isso, é necessario que o homem esteja colocado em um ambiente social que lhe permita o desenvolvimento livre da personalidade, onde não encontre restrições á formação do caráter.

Quanto maior fôr a responsabilidade dos homens que ocupam cargos de interesse publico, maior e mais necessario se torna que esse homem esteja libertado de preconceitos sociais. Quando um individuo, lançando mão de recursos bajulatorios, consegue galgar um posto de confiança, principalmente nos sindicatos operarios, fatalmente a classe que o elegeu será prejudicada em seus direitos quando forem reclamados durante tal gestão. A classe mais atingida pelas injustiças é, quase que sempre, a dos trabalhadores, que têm, muitas vezes, na direção de seus sindicatos, homens que não correspondem ás finalidades de suas funções. Infelizmente, são inumeras as atitudes prejudiciais praticadas contra os trabalhadores nos sindicatos fascistizados do sindicalismo ministerialista, quando pleiteiam justas reivindicações. E' necessário que os trabalhadores se precavenham e não confiem a outros as reivindicações de seus direitos, pois os interesses politicos e as ambições dos dirigentes sindicais impedem que esses direitos sejam proporcionados de uma forma equitativa e justa.

Os trabalhadores devem habituar-se a tratar de seus direitos, diretamente, quer individualmente, como afirmação de personalidade, quer coletivamente como afirmação do seu espirito associativo livre. Agindo assim, com esse critério social e com senso de responsabilidade, verão os seus anseios satisfeitos e não terão os seus direitos violados.

S. Paulo — F. F. do Amaral Silveira

"A PLEBE"
Caixa Postal 5739
SÃO PAULO

Listas de Subscrição

Pedimos aos companheiros que estão de posse de listas de subscrição para que as devolvam imediatamente com as importancias que tiverem e mesmo em branco.

Essas listas serão substituidas por outras numeradas e rubricadas.

Registrados, vales postais e cheques em nome de Edgard Leuenroth.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Pelo Mundo Anarquista

ITALIA

Caracteristicos do Movimento Anarquista Italiano

Bolonha constitui atualmente uma demonstração decidida das atividades da Federação Anarquista Italiana (F. A. I.). E' reconfortante o rapido desenvolvimento das iniciativas libertarias naquela região da Italia, devendo considerar-se como causas favoraveis desse desenvolvimento a propria forma organica das iniciativas.

Na Italia, o movimento anarquista caracteriza-se principalmente pela ausencia de quaisquer formas de comités ou de outras modalidades organicas que possam impedir o livre desabrochar das iniciativas individuais. Partidarios da descentralização, os anarquistas italianos empregam uma forma de atuação dentro do movimento que permite a cooperação individual e voluntariosa entre as diversas correntes do anarquismo. Todos, ali, quaisquer que sejam as suas tendencias, trabalham em comum, movidos por um sentido de magnifica compreensão e de tolerancia mutua.

As Federações abrangem territorios determinados pela vontade dos proprios companheiros. Há, pois, — por exemplo— uma federação em Massa e outra em Carrara, separadas apenas por alguns quilometros. Um pouco mais distante existe tambem a federação de Livorno, o que não impede, porém, que as organizações do bairro do porto daquela cidade tenham a sua federação propria. Todas elas manteem entre si relações táticas de cooperação autonoma, desenvolvendo as suas atividades livremente, não através da palavra de ordem de qualquer organismo centralista, mas por si mesmas.

Em Bolonha não se aceitou a idéia da formação de um Comité Nacional da F.A.I., por considerá-lo um principio absorvente, centralista e burocrático. Constituiram, para efeito do intercambio das atividades, sugestões e informação entre as diversas organizações libertarias, uma Comissão de Correspondencia. Para as relações com o exterior foi criada uma Comissão de Correspondencia Internacional, como complementos do Secretariado de Relações.

Da mesma forma, obedecendo ao mesmo criterio, foram constituidas: uma Comissão Editorial, uma Comissão de Propaganda Antimilitarista, a Comissão de Ação Antireligiosa e uma Comissão de Atividade Sindical. As agrupações juvenis estão organizadas dentro dos mesmos principios, bem como todas as atividades que caracterizam o movimento anarquista italiano, que abrange os mais variados aspectos da vida social daquele povo.

Todas essas comissões desenvolvem as suas atividades em localidades diferentes. Depende do local em que se encontra o grupo ou os companheiros escolhidos para desempenhar as funções que lhes correspondem, de modo que não constituem secções de um comité determinado, mas sim componentes de um todo organico, quer dizer, do movimento F.A.I., uma vez que em seu nome realizam todas as suas atividades.

Um Boletim interno enlaça todas as iniciativas do movimento, informando e servindo de tribuna onde podem ser tratados todos os problemas referentes á organização, dando conta das atividades realizadas pelas diversas agrupações anarquistas e transmitindo as noticias dos atos e assembléias a serem realizadas.

Exemplo magnifico que demonstra a possibilidade de todas as correntes do anarquismo poderem conviver e trabalhar pela mesma causa sem os empecilhos do centralismo entorpecedor e absorvente, sem sectarismo, unidas todas por um ideal comum dentro da variedade interpretativa, em sua forma, porém semelhantes no fundo.

Publicam-se em Italia 12 periódicos anarquistas e duas revistas de aparição regular, além dos numeros unicos e especiais de varios periódicos patrocinados pelas Federações, destinados a recordar um fato ou uma data de acontecimentos históricos, ou algum militante querido. Todas as publicações, sem excepção, levam o anagrama da F.A.I. Editam-se tambem quantidades consideraveis de folhetos, um ou outro livro, e está em vias de realização uma grande editorial.

O temperamento sentimental do povo italiano exerce grande influencia nos companheiros anarquistas. Guardam e reverenciam com grande culto os companheiros mortos e recordam com fervor aos que, em cada povo ou cidade, tombam pela causa. Ferrer, principalmente, constitui um motivo que cultuam com carinho. A sua efigie se encontra em todos os locais, nas cidades, aldeias ou vilas, ao lado de Malatesta e Pietro Gori.

Amigos das relações com os diversos paises e da ação além das fronteiras manteem um delegado no Secretariado Internacional anarquista, mas rechassam a idéia de uma Federação Internacional, como rechassaram para si mesmos a idéia de um organismo dirigente. Acreditam que dexe existir um entendimento cordial e uma cooperação mutua entre todos os anarquistas do mundo firmado na idéia de uma compreensão fraternal, mas livres da tirania de qualquer organismo centralizador.

Harmonia no Contraste

Imaginai a terra sem montanhas, o mar sem ondas, o céu sem estrelas, as flores sem perfume e sem cor. Imaginai as aves vestindo todas a mesma plumagem, os insetos ostentando todos a mesma forma e colorido. Imaginai as planicies sem **uma ondulação, sem um acidente geográfico** qualquer; areias e pedras por toda a parte, por toda a parte pedras e areia. Nem uma árvore, nem um arbusto, nada que quebre a monotonia da paisagem, nada que interrompa a uniformidade do quadro; nem um arroio que murmure, nem um pássaro que cante, nem um leve sopro de brisa que lembre a existência do movimento e da ação. Imaginai, finalmente, a humanidade sem paixões, tendo todos os mesmos gostos, pensando todos do mesmo modo e dizei se não seria preferivel morrer de uma vez a ter de suportar a lenta agonia de uma vida assim.

A ordem, a simetria, a uniformidade mais parecem coisas da morte. A vida é desordem, é luta, é critica, é desacordo, é fervilhar de paixões. Dêsse cáos sai a beleza; dessa confusão sai a ciência; da critica, do choque, da duvida e do contraste, dêsse fervedouro de paixões que é a vida surgem, radiantes como auroras e grandes como sóis, a verdade, a justiça e a liberdade. A discórdia, o contraste, a disparidade, eis o agente criador que opera na Natureza. As ações e reações na matéria organica, geradoras de movimento, de calor, de luz, de beleza, que são senão contraste e rebeldia?

Rompendo a monotonia das substancias simples, a desordem aproxima umas das outras, mistura-as, combina-as, funde-as ou desagrega-as e transporta-as de um lugar para outro. O ferro que dorme nas entranhas da terrá é o mesmo que arde ao atravessar a atmosfera em forma de aerolito, que enrubresce uns lábios de mulher e que brilha na lamina de um punhal; o carbono que se apresenta negro nos tições apagados é o mesmo que se ostenta verde e belo nas folhas das plantas, limpido como gota de orvalho no diamante, acariciador e morno no hálito da mulher amada.

A rebeldia tudo transforma: dissolve e cria, destrói e constrói, esculpindo na forma da vida a ansia de viver! Nas sociedades humanas ela desempenha o principal papel. Inovadora, rompe velhos moldes e cria outros novos; destrói velhas tradições que se tornaram perniciosas ao progresso e acende na alma popular novas chamas, novos anseios, depois de destruir os rescaldos em que se desentumece o frio senil de velhos ideais. Esteta, detem a arte no caminho trilhado e conduze-a para novos rumos onde há motivos não aproveitados, novas cores, novas harmonias, frases e temas inesperados que não havia em nenhuma paleta, que não tinham vibrado em nenhuma corda, que jamais haviam brotado como jorros de luz de nenhuma pena. Revolucionária sempre, a rebeldia faz com que o desgosto fermente nos peitos proletários até que, amargadas as almas até o limite, irritados os nervos até alcançar o máximo de tensão, o desespêro faz com que busquem a pedra, a bomba, o punhal, o revolver, o rifle e os homens se lancem na luta contra a injustiça, dispostos cada qual a ser um herói.

Enquanto o pobre se conforma com ser pobre; enquanto o oprimido se conforma em ser escravo, não há liberdade, não há progresso. Mas quando a rebeldia tenta o coração dos humildes, quando vem e lhes diz que enquanto êles sofrem, os seus senhores gozam, e que todos temos direito a gozar e viver, incendeiam-se então as paixões e destróem e criam ao esmo tempo; cortam e cultivam, derrubam e edificam. Bendita seja a rebeldia — essência do anarquismo!

RICARDO FLORES MAGON

"A anarquia é a suprema expressão da ordem" — E. Reclus

Caleidoscópio

OS INIMIGOS DE DEUS

Esse é o título da crônica de Rafael Corrêa de Oliveira publicada no "O Estado de São Paulo" de 8 de outubro p. passado.

Rafael Corrêa de Oliveira, jornalista inteligente e brilhante, é excessivamente ingênuo. Tão ingênuo que chega a crer nas boas intenções de Pio XII, que de pio bem pouco terá.

O assíduo colaborador do "Estado" não nos aponta claramente quem sejam os inimigos de Deus; mas do seu artigo se deduz que tanto podem ser os comunistas que assassinaram Petkov, como "o conhecido agitador fascista padre Arlindo Veieira", admirador entusiasta de Franco, o assassino-mor do povo espanhol. Ou ainda a ditadura branca dominante na Grecia, sob o controle de 42 funcionários do democrático governo norte-americano, ditadura essa que acaba de condenar à morte treze políticos gregos. De modo que, dada a sua bondosa concepção de Deus, que é, por assim dizer, uma concepção mais ou menos tolstoiana, a democracia e o fascismo não são menos inimigos de Deus que o comunismo.

É uma opinião respeitavel, e até louvável, embora dentro do seu ponto de vista, de crente, que parece ser. Cumpre frisar, no entanto, sobretudo para ver se é possível levar um pouco de clareza a essa tremenda confusão de idéias e sentimentos que por esse mundo afora anda, que existem uma infinidade de "inimigos" de Deus aos quais de tal forma repugna a violencia e o assassinio, nutrem uma tão profunda simpatia pela vida, pela vida em geral, que se deles dependesse a matança das galinhas, jámais alguem comeria canja. Trata-se dos ateus, da maioria dos ateus. Eles não são inimigos de Deus, pelo simples fato de que ninguem pode ser inimigo de um ente ou entidade em cuja existência não crê. Mas, para o sub-consciente da maioria dos crentes, não há ateus e sim inimigos de Deus. Isso, porem, é um assunto que pode ficar para aqui ser desenvolvido outra ocasião e volvemos à ingenuidade de Rafael Corrêa de Oliveira, a respeito da qual não conclui meu raciocínio.

Como disse, ele crê nas boas intenções de Pio XII, e, a certa altura da crônica acima mencionada, diz:

"O santo padre (fresca santidade...) afirma: "A paz, não somente a paz aparente e juridica, mas a paz real e justa". E esclarece: "Servir a paz é servir os interesses do povo e, em particular, dos humildes e deserdados".

Ora, o papa sente que a terra se lhe escapa de sob os pés, por isso, de vezes em quando, segue, ipocritamente, a onda de demagogia barata.

Mas depois lembra-se de que é papa e então insinua à cristandade uma nova cruzada; nova, mas à moda antiga. Ainda agora, Pio XII acaba de declarar aos congressistas norte-americanos que somente pela força será possivel vencer certos inimigos da justiça e advertiu que nessa cruenta batalha se poderão perder os direitos civis. Não nos diz, porem, o papa, o que é que entende por justiça e direitos civis. Compara a atual situação mundial (infeliz comparação) com a de 7 de outubro de 1571, quando durante as cruzadas, as potencias que representavam a civilização cristã se uniram para derrotar a colossal ameaça do leste na batalha de Lepanto.

Como se vê, o papa prega a paz, instingando à guerra, a cruzada, nas quais os sacrificios serão sempre esses humildes e deserdados pelos quais ele finge se compadecer.

E assim, dentro do critério de Rafael Corrêa de Oliveira, temos de concluir que tambem o papa é inimigo de Deus.

O S.

Se não concordar com o que na "A PLEBE" for dito — aqui mesmo poderá rebater.

O ANARQUISTA

O anarquista é, por definição, o cidadão que não quer ser governado, mas que tambem não quer governar; que não quer ser explorado, mas que tambem não quer explorar; que não quer ser iludido, mas que tambem não quer iludir aos outros.

Viver uma vida integralmente anárquica na sociedade presente é impossivel, porque a autoridade do homem sôbre o homem, a exploração do trabalho alheio e a prática de iludir a bôa fé do próximo constituem as regras fundamentais da ordem social em que vivemos. A autoridade do Estado, o desfrutamento dos patrões, a ação nefasta e embrutecedora do clero e da escola oficial estão sempre presentes, assediam-nos, comprimem-nos de todos os lados e não se pode fugir aos seus tentaculos absorventes.

Ser anarquista requer, por conseguinte, aspirar a uma forma de convivência social isenta de governantes, de exploradores e de todas as mentiras convencionais interessadas em manter o presente estado de coisas; lutar, para tornar possivel o advento da anarquia, contra as violências, os prejuizos sociais, as mentiras e os interesses criados em que se alicerça a ordem existente.

Ser anarquista, mesmo neste sentido, não é fácil. Significa tomar todos os dias, em face de todos os problemas, grandes e pequenos, da vida, uma posição teórica e prática que contrasta e se choca com os hábitos e as conveniências do próximo, que mexe com os seus preconceitos, que suscita suspeitas, ódio e furor no seio dos guardiões da ordem, que são todos aqueles que se veem beneficiados pelos seus privilégios. Significa expor-se ao ostracismo das **pessoas de bem**, ás represalias dos potentados, á vingança de todas as autoridades divinas e humanas.

Para ser e manter-se anarquista é necessário que o individuo possua convicções profundas, firmeza de caracter, capacidade de resistência ás perseguições dos privilegiados, dos governantes e de todos aqueles que aspiram a postos de mando.

Nestas condições, os anarquistas não podem ser muito numerosos num regime de autoridade e privilégios. Quando o numero de anarquistas tende a aumentar de uma forma alarmante, governantes e politicos, patrões, padres e generais se põem de acôrdo para exterminá-los em execuções sumárias, campos de concentração, prisões perpétuas e patíbulos, lançando mão de todos os meios mais ou menos legais.

Apesar disso, os anarquistas sobrevivem há mais de um século ás sucessivas ondas de reação, e após cada refrega recomeçam com ânimo e vigor, mais numerosos do que antes.

Em que consiste, pois, o segredo da sua vitalidade, visto nada oferecer o anarquismo ao individuo, que só pode esperar sacrificio e luta, ao contrário das correntes politicas de todas as côres que oferecem vantagens imediatas nos postos de mando?

Nós respondemos: essa vitalidade consiste na pureza do ideal de justiça e liberdade que faz do anarquismo um apostulado humano.

Se nem todos teem a capacidade de resistência e a força de vontade capazes de formar na vanguarda das lutas sociais, enquanto conservam alguma possibilidade de vida, ninguem ama verdadeiramente os governantes que se fazem obedecer pela fôrça, os patrões que exploram por meio do salário, a mentira laica ou religiosa que embrutece por meio dos padres e professores ao serviço das conveniências do regime.

A perspectiva de uma sociedade sem govêrno, sem patrões e sem charlatães sorri a todos os homens que amam a liberdade, sorri particularmente, luminosamente, ás multidões famintas de desherdados e oprimidos que desde milenios são vitimas dos governos, dos privilegios da riqueza e dos monopólios do saber.

Si alguma vez êsses desherdados são atormentados pela duvida, é porque, de tão bela, consideram irrealizável o advento da anarquia; é porque as agruras da luta pelo pão de cada dia lhes absorvem o tempo e os meios de cultivar as idéias e de afirmar as possibilidades de realização do ideal anárquico.

O anarquista assemelha-se a um solitário no seio desta sociedade que o combate e hostiliza, banindo-o do próprio seio. Na realidade as suas palavras, a sua crítica, os fulgores da sua visão iluminada de liberdade e justiça encontram éco e reflexo na consciência íntima das multidões sofredoras. Basta que se multiplique o vigor da sua voz, a persuação dos seus argumentos, os exemplos da sua coerencia para que se dessipem as névoas da duvida e se transformem êsses reflexos em força de vontade e consciência de força a caminho da transformação social.

O anarquista é um pioneiro: palmilha um caminho novo na estrada do porvir, abre novas perspectivas ás experiências do gênero humano. Diz uma palavra nova aos seus semelhantes, tão nova que é, por isso mesmo, dificil de compreender. Fala da liberdade, da verdade, da justiça, dirigindo-se áqueles que estão habituados a ser escravos num mundo que vive e se alicerça na mentira e na prática das injustiças. O anarquista compreende a liberdade, a verdade, a justiça, não apenas para si, mas para todos os seres humanos, confirmando com o sacrificio, a abnegação, o desprendimento dos seus atos, o valor das suas palavras e do seu idealismo.

Os homens o escutam; e se não se atreverem a segui-lo na senda do ideal, respeitam, pelo menos, as suas convicções. Ninguem ama voluntariamente aos seus tiranos. Livres de escolher, todos aqueles que amam a liberdade e respeitam os seus semelhantes, não hesitariam em escolher a anarquia, a sociedade onde não haverá oprimidos nem explorados e onde a ninguem será negado o direito de viver no gozo de todas as suas necessidades satisfeitas.

Ao despontar do dia em que essa sociedade se torne um fato, reconhecer-se-á o valor da ação infatigável do anarquista. E êsse dia estará mais perto quanto mais zeloso fôr o anarquista em conservar o segredo que assegurou até agora a vitalidade e o vigor do anarquismo: a coerência dos seus atos com as idéias.

Nossa Imprensa

"INQUIETUD" — Montevidéo — Depois das publicações cujo recebimento acusamos em numeros anteriores de "A Plebe", registramos mais o recebimento, esta semana, de "Inquited", periodico libertario que vem se editando, desde há quatro anos, em Montevidéo, Uruguai.

Relembrando a tragédia de Sacco e Vanzetti publica, nesse sentido, um breve comentario, verberando a infamia do capitalismo ianqui, que foi surdo aos clamores que se levantaram em todo mundo em defesa desses abenegados camaradas que pagaram com a vida o seu grande amor á causa da liberdade.

Repetição da tragedia de Chicago, esse fato constituiu uma afronta aos brios de todos os homens livres e aos principios da emancipação humana.

O capitalismo norte-americano, reacionario como o capitalismo de todo mundo, mas mais prepotente porque é mais responsavel pelos desequilibrios economicos em virtude da centralização mundial dos grandes capitais, não perdoa aos que, conscientes do papel que desempenham na luta pela libertação de todos os seres humanos de escravidão moral, economica e social a que estão acorrentados pelos interesses do regime capitalista, defendem os seus principios com altivez e dignidade.

Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti, entre tantos martires das idéias libertarias atingidos pelo ódio capitalista, foram dois sacrificados nessa imensa batalha em que estão empenhados todos os anarquistas.

Recebemos mais os seguintes jornais dos quais nos ocuparemos em proximos numeros: "Combate", de Havana, Cuba; "Organizacion Obrera", de Buenos Aires; "El Obrero Calederero", de Buenos Aires; "A Batalha", de Portugal; "Solidariedad", de Havana; "L'Unique", de Orleans, França; "Justiça de Classe", Montevidéo, Uruguai.

Para a divulgação de "A Plebe"

CAMPANHA DAS 5.000 ASSINATURAS

Afim de que seja assegurada definitivamente a vida econômica do jornal, e consequentemente a sua publicação regular, precisamos conseguir-lhe assinantes.

Com 5.000 assinaturas, "A Plebe" terá sua vida garantida.

Precisamos, pois, conseguir CINCO MIL ASSINANTES. E não será difícil — se todos os amigos do jornal se dispuzerem a trabalhar, conseguindo-se assinantes entre os militantes libertários, entre os simpatizantes do nosso movimento, entre amigos do jornal, etc.

Mãos à obra, pois, sem perda de tempo! E' uma excelente ocasião para que demonstremos nosso interesse pela causa libertária, da qual "A Plebe" é vozeiro na imprensa.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

A anarquia é a ordem pela harmonia. — LUIZA MICHEL

A PLEBE

S. PAULO, 15 DE DEZEMBRO DE 1947 — ANO 31 — NUM. 11 (Nova fase)

"Quais os inimigos publicos do Brasil?"

Sob o tema que serve de título a êste comentário, a revista "Panfleto" instituiu um original concurso "para apurar os principais inimigos publicos do Brasil".

Insiste a direção dessa revista para que o concorrente dê o seu voto "depois de um pequeno e sério estudo de análise da situação nacional".

Ora, observando-se os resultados das primeiras apurações, verifica-se facilmente que, apesar de ser "pequeno" o estudo exigido para que o voto seja acertado, nenhum voto ainda obteve o maior de todos os inimigos do Brasil (e do mundo todo), o que demonstra que ninguem se entregou ainda a esse pequeno estudo.

Realmente, todos os apontados são os chefes ou ex-chefes politicos que estão em desagrado no conceito dêsses eleitores, que não passam de inimigos de segunda ordem, tanto os que já falharam nas suas gestões, os que atualmente estão falhando ou os que falharão no futuro, quando forem eleitos, não num concurso "negativo" (é êste o termo empregado pela revista), mas numa eleição "positiva", por outros eleitores que lhes dêm maior consideração, tão crédulos, em ultima análise, como os do concurso.

São inimigos de segunda ordem, inimigos indiretos, porque, fracos detentores do poder temporal, não passam de serventes subalternos do inimigo número um, avassalador dos destinos do povo e desses mesmos políticos interesseiros, causador das maiores misérias que pululam no seio da "nação", intitulada Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana.

Não sou eu só quem dá o voto a êsse inimigo: são todos os que querem ver, os que fazem um "pequeno estudo de análise da situação nacional", todos os que verdadeiramente amam a terra em que vivem e trabalham pelo bem-estar da coletividade. Já o deram no passado os mais eminentes pensadores, os estudiosos, os mais argutos conhecedores das ciências sociais e políticas.

Vindos para o Brasil, os jesuitas, no início da colonização, desde os primórdios do seu existir, a "pátria" brasileira, foi pasto ao voraz inimigo ultramontano.

O historiador Melo Moraes encontrou em Lisboa um documento que pode "afirmar, demonstrar os fatos de usurpaçeõs da liberdade, da propriedade das paróquias, do govêrno temporal, do comércio terrestre e marítimo das Indias pelos padres jesuitas, e refere que os índios estavam sujeitos à mais cruel escravidão, trabalhavam para o comércio dos padres durante seis dias por semana e, para o seu próprio trabalho, de que se alimentavam, tinham somente livre o domingo".

Não eram (e não são ainda hoje), perseguidos pelos emissários do vaticano somente os que contra êles se insurgiam, mostrando a verdade aos mais incautos, mas "todos quantos não se sujeitavam a êles", conforme afirmava em 1648 o próprio missionário apostólico João Garcias, prosseguindo no mesmo trecho: "caluniavam as leis e as autoridades e ensinavam doutrinas abomináveis". Ainda na mesma época, em 1650, disse o capuchinho Valeriano Magni: "esta casta de homens se faz insuportável a toda a cristandade; com o pretexto de boas obras, procuram grandeza e domínio, invertendo para seus fins particulares todas as leis divinas e humanas, positivas e naturais".

O insuspeito padre Diogo Antônio Feijó, o regente do Império, afirmava que "para catequizar indígena não era preciso ter religião alguma e sim bastava ter convicções de capacidade moral para inspirar confiança e conquistar amizade".

Bem diversa era, porém, de catequizar o indígena, a finalidade dos discípulos de Loyola. Sabido é que a sua missão era estender o domínio clerical por todos os recantos, fazendo dos homens, selvícolas ou civilizados, servos dos "santos" representantes de deus na terra.

Passando da Colônia ao Império e dêste à República, prosseguiu o abominável inimigo na sua obra de usurpação de todos os bens morais e materiais.

Deles disse, escrevendo num jornal do Rio de Janeiro, em 1873, o grande batalhador republicano Saldanha Marinho: "E porque seja mister levar à maior evidência a necessidade indeclinável de expurgar o Brasil dessa horda de bandidos, dêsses negociantes de consciências, dêsses soldados da cúria romana que, mansa e suavemente, vão se apoderando dêste país, cujo domínio êles almejam, continuaremos a fornecer aos leitores o que em livros insuspeitos e por autores ortodoxos se acha consignado, retratando-os".

O mais profundo conhecedor da política nacional, Rui Barbosa, o teórico do direito constitucional e o parlamentar mais bem informado do seu tempo, assim definiu, com a clareza e a eloquência do seu modelar estilo, na conferência intitulada "A Igreja e o Estado": "O dogma da infalibilidade pontifícia não é senão a supremacia perene, incontravertivel, omnipotente do papa sôbre a autoridade temporal. Não é uma crença religiosa, é um estratagema politico". E prossegue, duas páginas mais adiante: "As idéias frutificativas e abençoadas (o que é um bem) unge, acrisola, robustece. As idéias estéreis, pervertedoras (o que é desastrado) prospera-as, grangeia-lhes entusiastas, senhoreia-as com a aureola glorificadora de perseguidas. Isto quer, pois, o grêmio ultramontano, para sobedoirar com êsse lustre de religião a sua politica imoral; para encampar as suas maquinações tréfegas sob o aspecto da piedade; para encobrir sua miséria, sua carcoma, seus vermes, sob êsse viso de uma causa proscrita, sob essa imponência teatral, com que traga novos reforços à fileira, meta novos proventos à caixa e usurpe novos trofeus ao evangelho".

A implantação do fascsimo estadonovista, com o decreto de 30 de abril de 1931, que estabeleceu o ensino religioso (católico) nas escolas, e que continua vigorando, apesar da queda da ditadura e o ressurgimento do regime democrático, deu ao vaticanismo "o coeficiente máximo dos seus secretos manejos, o sustentáculo das suas esperanças, que o clero romano nunca abandonou um só instante e do qual se vem servindo por toda parte, traiçoeiramente, para preparar a volta ao poder", como afirmou A. Tompson nessa época, insurgindo-se contra aquele decreto.

Impossivel seria, num curto artigo de jornal, apresentar todos os fatos verdadeiros e insuspeitos, já "levantados pelo homem inteligente, ávido de liberdade e sedento de justiça", pois é matéria que daria para escrever todos os volumes da mais extensa biblioteca.

Terminemos com esta advertência do mesmo A. Tompson: "E' preciso que o povo brasileiro, concienciosamente, se convença que o clericalismo é uma constante ameaça à ordem publica e á tranquilidade das familias".

E quem hesitaria, "depois de um pequeno e sério estudo", na escolha do maior inimigo do Brasil?!...

Liberto

Servindo-se da alavanca de sua organização, o proletariado abalará os alicerces da sociedade capitalista

Anarquistas e anarquismo

O ponto de vista comum em torno do qual todos os anarquistas estão de acordo, porque reagrupa todas as tendencias do anarquismo, por mais variadas que sejam, é aquele que conduz à mesma meta e que se caracteriza no fato de se manter o movimento anárquico com uma feição que o distingue de todos os outros movimentos politico-sociais: a concepção de um futuro para a humanidade que exclua todo principio de autoridade, de dominio e de exploração do homem pelo homem.

O anarquismo pode ter tendencia individualista, comunista e genericamente socialista; cristão primitivista; referir-se ao marxismo da primeira hora; ser ativista, revolucionario, educacionista; pode aceitar ou repelir o fator violencia, especializar-se no maltusianismo ou no vegetarismo; mas no seu complexo tende a uma unica finalidade: a independencia moral e fisica do individuo, reforçada e não diminuida pela pratica da solidariedade entre todos os seres humanos, proximos ou distantes.

O anarquismo pode ser filosofia e ciencia politico-economica, sem cair no dogmatismo; simples especulação idealista ou fundamentalmente pratico em suas atitudes fóra de qualquer ação impositiva; pode apegar-se ao materialismo historico ou apelar para as forças morais e considerar o sentimento como fator mais eficaz para libertar o homem da incompreensão em que se debate; pode dizer-se ateu, agnostico ou divagar em hipoteses espiritualistas; mas conserva a sua idoneidade quanto à necessidade de combater todo e qualquer principio de idolatria estatal, conformista e de monopolio economico. E' anti-autoritario e anti-totalitario em todas as circunstancias.

A perene vitalidade do anarquismo e a sua constante atualidade, critica e impulsionadora, deriva justamente das suas multiplas manifestações, sempre atuais nos diversos meios ambientes em que a sua propaganda se deselvolve.

O anarquismo propõe, não impõe; e na variedade das suas exteriorizações do pensamento, de critica e de ação canaliza todas as diversas mas não inimigas modalidades para o mesmo fim: aquele em que a anarquia se divisa fundindo todas as liberdades em um cadinho unico, no fundo do qual se queimam todos os prejuizos da velha estrutura economica e social que não pode reger-se sem a pratica da exploração do homem pelo homem e que assenta os seus pilares na escravidão e na ignorancia.

GIGI DAMIANI

PRATICAS DE INDOLE LIBERTARIA

Na vida roceira, citadina e maritima

Com muita frequencia objetam os que apenas se sentem fascinados pela beleza das concepções anarquistas, mas que não teem a coragem necessaria para romper os élos que ainda os prendem á escravidão capitalista, não ser possivel a prática do anarquismo, porque, pensam êles, não havendo quem mande, não ha quem faça.

Entretanto, inumeros episodios da vida em sociedade, mesmo dentro do regime burguês-estatal, demonstram a praticabilidade do anarquismo. Ainda mais, demonstram a influencia que a pratica da solidariedade exerce nos individuos, corrigindo-lhes defeitos, melhorando-lhes o carater, aperfeiçoando-lhes os sentimentos.

Já publicamos nesta secção, destinada a divulgar a prática das idéias anarquistas, um trabalho de Pierre Bernard sôbre as coletividades agricolas da Catalunha na revolução espanhola; publicamos já, tambem, um comentario sobre a colonia Cecilia, experiência anarquica nos sertões do Paraná.

Uma noticia de Porto Alegre, divulgada pelo vespertino "A Gazeta" de 26-11-47, fornece-nos hoje o motivo desta secção, motivo que completamos com uma nota sobre o **puchirão** ou **mutirão**, conforme as regiões, demonstração prática da solidariedade entre os nossos caboclos, de Martins Ramos ,publicada no "Jornal de São Paulo", em 30-11-47.

Futuramente, serão reunidos em volumes todos os episódios que demonstrem a praticabilidade do anarquismo, aqui publicados.

Comunidade libertária num navio

Porto Alegre — Encontra-se neste porto uma antiga barcaça de desembarque das forças norte-americanas, transformada em navio cargueiro, tripulada por 16 ex-soldados, que compraram essa barcaça em cooperativa e estão realizando uma viagem pelo mundo, ao mesmo tempo que conduzem carga e ganham a vida. O singular navio, chamado "Samba", tem um presidente eleito democraticamente pela tripulação proprietaria, que rege os negocios do navio. Os trabalhos tambem estão divididos de acordo com as aptidões de cada um, existindo comandante, imediato, taifeiro, marinheiro, etc. Entretanto, essa distribuição, como pôde ser verificada pela reportagem não significa superioridade de um membro da tripulação, pois que foi encontrado o comandante lavando pratos na cozinha, enquanto que o presidente tirava a mesa de jantar. Outro exemplo de regime democratico existente na embarcação é o caso do tripulante W. Simmons, que acumula as funções de cozinheiro e tesoureiro da corporação.

Em visita feita ao curioso navio, a reportagem pôde ver claramente o ambiente de franca camaradagem existente, todos se sentindo donos, todos trabalhando com afinco para o bem comum. Falando aos jornalistas os proprietarios declararam que pretendem aumentar a cooperativa, comprando outros navios e assim completar a experiencia que estão realizando. E assim vai o "Samba" navegando aguas brasileiras, tendo conduzido para este porto certa quantidade de carga.

O putirão roceiro

O puchirão é assim:

A gente manda recado — "Fulano, dia tal tem puchirão lá na Capelinha. E' para mecê ir e levar a ferramenta". Meia legua adiante — "E' para ir e levar a viola". Legua e meia, mato dentro — "Aprepare a garganta, que é desafio para amanhecer".

O Zé Fogueteiro recebe a encomenda: — "óito duzias de rojão, sendo, a metade, de uma bomba e o resto, de dois estouros; que vá tudo enrabado já; e porva, de sobra, que é pr'a ronqueira".

Para enfeitar a descrição, vamos pensar numa estrela piscando comprido na alta madrugada — a Estrela-da-Guia. E grilos cricritando entre os piris da lagoa tordilha de luar.

Um tiro. O éco. Um estalido no tição de jacaré, no centro do galpão aberto, onde os caboclos que chegaram ontem fizeram camas de ramos e de pelegos, no chão. Outro tiro. Respondem daqui: "Bêêi..." E varam a distancia com um brado que só no mato ou no campo se aprende — e só no campo e no mato se pode dar: "Hááah, i-hááah, i-hááa — hah, hah!..." Por este berro e pelo tiro daqui, o outro que vem chegando tira, lá no mato, o rumo do galpão. E, como esse, outros. O café fraco e o pão cortado bem grande passam das mãos das caboclas risonhas para as mãos dos caboclos bigodudos ou de cavanhaque ralo.

O eito é marcado a base de rumos e calculos minuciosos. A linha da testada é uma fieira eriçada de homens endurecidos no trabalho e enternecidos de solidariedade. Com essas duas qualidades ungindo o cabo das ferramentas, sob o ar florido de trovas, ditos e desafios, eles baixam com o sol o derradeiro golpe da tarefa, que só teve de entremeio o almoço comido em pé ou de cocoras, ou sentado neste pau caido, e uns goles d'agua no corote que a sombra de um nhapindá está guardando.

O resto agora é festa. Rojões. A ronqueira, com farinha de mandioca atrás da bucha, encrespa o ar pesado da noite. Acabada a janta, começam retinidos de viola em trabalhos de afinação. Tocam os cachorros da sala. As crianças se encostam pelas paredes com o olho comprido ou saem porta a fora tambem. Nas salinhas apartadas surgem os baralhos. Rostos corados de papel carmim espiam pelos vãos mais impossiveis de a gente descobrir. Com a sanfona e o espaço grande que se abre agora no meio da sala, o baile começa. E com a ultima bravata do desafio a festa vai esfriando, quando já há cavalos encilhados pelas beiras de cerca e despedidas risonhas nos olhos tresnoitados.

Estas lembranças de um ajutorio são dedicadas a Monte Azul do Turvo, onde se está fazendo um puchirão exemplar — a "Campanha do Metro Quadrado". Seu povo quer calçar a Praça Rio Branco. Organizou-se uma Comissão Pró-Calçamento e a população está contribuindo. Algumas dezenas de milhares de cruzeiros oferecidos espontaneamente já decidiram a vitoria da ideia.

Pois até eu quero ajudar: não com dinheiro, que seria afrontar a generosidade dos turvenses, mas com uma sugestão. Calçada a praça, coloquem lá uma placa dizendo assim: "Esta praça foi calçada mediante contribuição espontanea do povo de Monte Azul do Turvo".

Só assim seu puchirão não ficará esquecido, como tantos gestos de solidariedade que se praticam anonimamente, a cada passo, Brasil a dentro.

Brochuras para o integralismo

No "Diario Oficial" federal de 8 de outubro apareceu o seguinte na seção de mercadorias não retiradas:

LOTE n.º 26

1 caixa, marca CIV. BRASILEIRA, contendo 310 livros em brochura, sôbre assunto integralista, pesando 79 quilos, descarregada do vapor ITAPÉ, de 25-5-38.

Grande Festival Artistico

No salão do Gremio Dramático Hispano Americano

Promovido pelo Centro de Cultura Social realizar-se-á um grande festival artistico no próximo dia 20, no salão do Gremio Dramático Hispano-Americano, á rua do Gazometro, 738.

PROGRAMA

1.ª PARTE — "Viva Rambolot" — peça em 1 ato, de Gigi Damiani.

2.ª PARTE — "A Derrocada" — comédia social em 1 ato, de Volney.

3.ª PARTE — Ato variado, no qual tomarão parte artistas e amadores que se teem distinguido nos festivais promovidos pelo Centro.

O desempenho das peças está a cargo do Grupo Dramático do Centro de Cultura Social.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis